

O ESPETÁCULO DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA *

Hans Peder Behling **

Dulce Márcia Cruz ***

Resumo: O artigo apresenta elementos para a discussão teórica sobre algumas questões na educação à distância (EAD) pela internet. O principal objetivo é demonstrar as vias de espetacularização do ensino através de tecnologia do EAD pela internet. Iniciando com uma conceitualização, a primeira constatação é de que a questão atual não é mais a substituição do ensino presencial, mas a passagem da formação institucionalizada para uma troca generalizada de saberes. A discussão sobre a virtualização discorda semanticamente da visão de Pierre Lévy e evidencia as novas possibilidades de atos de leitura e de produção textual geradas pela tecnologia: assim como o cinema não poderia ter tido êxito se fosse apenas uma filmagem de cenas de teatro, o EAD pela internet espetaculariza o ensino modificando diversos recursos que em muito diferem de uma mera reprodução dos conteúdos do ensino presencial.

Palavras-chave: semântica; educação à distância; inovação tecnológica; espetáculo.

1 INTRODUÇÃO

Em diversas situações na história da humanidade, o advento de novas tecnologias causou um *mix* peculiar de euforia com temor, como na revolução industrial e no advento dos meios de comunicação de massa. Na revolução industrial, à medida que a produção em série aumentava a oferta de bens disponíveis ao consumo, também aumentava o medo do ser humano de ser substituído pela máquina. No advento dos meios de comunicação de massa, como a TV por exemplo, novos horizontes se abriam na possibilidade de propagação de mensagens audiovisuais em curto espaço de tempo, e profetizava-se o fim de outros meios não só eletrônicos como o rádio, mas impressos, o que não aconteceu.

Com o advento da internet, a euforia provocada pelas possibilidades que a tecnologia proporcionava, gerou profecias não concretizadas como a diminuição de consumo de papel. Assim como a TV na época interferiu de forma inesperada para o aumento da popularidade de muitos periódicos impressos, o computador e a internet, ao contrário do que diziam as profecias, não só aumentou o consumo de papel (atribuído por muitos à falta de cultura ou à não adaptação à leitura na tela) como também serviu para aumentar a credibilidade dos periódicos impressos que incrementaram seus negócios com sites e portais. Independentemente disso, a grande revolução aconteceu na estrutura formal: desde a captação ou produção da informação a ser transformada em notícia; passando pela redação e diagramação ou editoração; pela parte técnica dos processos de pré-impressão, impressão e pós-impressão; e inclusive, na distribuição. Ao dizer que a evolução da imprensa se deu na ordem cronológica "esperar a notícia", "correr atrás da notícia", "fabricar notícias", McLuhan (1964) em seu tempo, embasado com a velocidade eletrônica não se deu conta de que "O modo como imaginamos o futuro continua sempre dependendo daquilo que conhecemos" (CHARTIER, 1999, p. 139), e assim ele não pôde prever que independentemente do aumento da velocidade causado pelo advento de ferramentas como a fotografia digital e da troca de dados e informações por email, o verdadeiro diferencial da era da informação é que a velocidade sempre aumenta, no mínimo em dobro, pois o fluxo foi transformado em uma pista de mão dupla, com a notícia correndo atrás de se tornar pública possibilitando o acesso a um número cada vez maior de pessoas, possíveis produtoras de notícias em direção aos meios de produção e difusão de massa.

Superados alguns temores iniciais, a internet gerou uma série de outros temores, em diversas áreas. "Assim como o rio de Heráclito, o hipertexto jamais é duas vezes o mesmo. Alimentado por captadores, ele abre uma janela para o fluxo cósmico e a instabilidade social" (LÉVY, 1996, p. 48). Este trabalho não tem a pretensão de dar conta de todos os temores gerados pela internet, mas promover uma abordagem da significação para algumas questões que surgem da possibilidade de utilização do meio internet como ferramenta de educação à distância (EAD). Iniciando com uma conceitualização de Educação à Distância pela internet, o trabalho passa a tratar de algumas questões semânticas envolvendo termos como o virtual, o real, o atual entre outros. Algumas mudanças relativas aos hábitos de leitura e de produção textual são pontuadas, para em seguida estabelecer um paralelo entre a comparação benjaminiana teatro / cinema, e uma comparação mais recente: educação presencial / educação à distância pela internet. O papel dos agentes da educação e algumas questões espaciais e temporais aparecem mais no sentido de atentar para necessidade de uma série de novas possibilidades.

2 EAD PELA INTERNET

Para fugir das falsas profecias, talvez o mais adequado fosse concordar com Lévy (1999, p.157) ao afirmar que não há como refletir sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura sem levar em conta as novas relações com o saber: primeiramente o fato de que a maior parte dos conhecimentos adquiridos pelo indivíduo no início da carreira profissional estarão obsoletos antes da sua aposentadoria; depois a constatação de que as tecnologias "amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas (...)" (LÉVY, 1999, p.157). Segundo Lévy (1999, p.158) duas reformas se fazem necessárias nos sistemas de educação e formação: a aclimação dos dispositivos e do espírito do EAD (ensino aberto e à distância) ao cotidiano e ao dia a dia da educação; e o reconhecimento das experiências adquiridas.

A mídia de massa constantemente noticia iniciativas em prol da democratização da tecnologia e do saber. Recentemente o governo francês, divulgou uma parceria com empresas de componentes de computadores pessoais que possibilitou um programa de linhas de crédito estudantil para facilitar a compra de computadores ao preço de um cafezinho por dia. Por hora vale esquecer qualquer especulação sobre os interesses dos grupos econômicos envolvidos, para atentar ao fato de que "(...) a demanda de formação é maior do que nunca (...) Não será possível aumentar o número de professores *proporcionalmente à demanda de formação* que é em todos os países do mundo, cada vez maior e mais diversa." (LÉVY, 1999, p.169). Com a tecnologia cada vez mais acessível, em pouco tempo a educação presencial pode se tornar a educação da minoria pois "(...) as escolas e universidades 'virtuais' *custam menos* do que as escolas e universidades materiais fornecendo um ensino 'presencial'" (LÉVY, 1999, p.169).

Não se trata de esquecer as diferenças históricas entre diversas escolas pedagógicas (tecnicistas, novistas, progressistas...), nem de mero descaso ou desmerecimento da importância de nenhuma delas, mas as novas tecnologias e as ferramentas de interatividade da internet causam a tentação de colocar toda esta história de uma lado de uma fronteira aparentemente intransponível entre a educação presencial e a educação à distância, porém, "Os especialistas neste campo reconhecem que a distinção entre ensino "presencial" e ensino "a distância" será cada vez menos pertinente, já que o uso das redes de telecomunicação e dos suportes multimídia interativos vem sendo progressivamente integrados às formas mais clássicas de ensino" (LÉVY, 1999, p.171).

A grande questão da cibercultura, tanto no plano de redução dos custos como no do acesso de todos à educação, não é tanto a passagem do "presencial" à "distância", nem do escrito e do oral tradicionais à "multimídia". É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, de reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências. (LÉVY, 1999, p.172)

3 O QUE É O VIRTUAL?

A semântica estuda o sentido das palavras, ou melhor, "É Semântica tudo o que se refere ao sentido de um sinal de comunicação e, principalmente, tudo o que se refere às palavras." (GUIRAUD, 1975, p. 8). Pierre Lévy, fala das mudanças de sentido no texto, no momento em que se dá a leitura, e propõe uma abordagem das questões em termos de virtualização e atualização:

Desde suas origens mesopotâmicas, o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico. Essa entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, traduções, edições, exemplares e cópias. Ao interpretar, ao dar sentido ao texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa cascata de atualizações. Falo especificamente de atualização no que diz respeito à leitura, e não da realização, que seria uma seleção entre possibilidades preestabelecidas. Face à configuração de estímulos, de coerções e de tensões que o texto propõe, a leitura resolve de maneira inventiva e sempre singular o problema do sentido. A inteligência do leitor levanta por cima das páginas vazias uma paisagem semântica móvel e acidentada. (LÉVY, 1996, p. 35)

Novos meios e tecnologias de comunicação também modificam a leitura, recontextualizando uma série de palavras, provocando mudanças de sentido.

Certamente nunca antes as mudanças das técnicas, da economia e dos costumes foram tão rápidas e desestabilizantes. Ora, a virtualização constitui justamente a essência, ou a ponta fina, da mutação em curso. Enquanto tal, a virtualização não é nem boa, nem má, nem neutra. Ela se apresenta como o movimento mesmo do “devir outro” – ou heterogênesse – do humano. Antes de temê-la, condená-la ou lançar-se às cegas a ela, proponho que se faça o esforço de apreender, de pensar, de compreender em toda a sua amplitude a virtualização. (LÉVY, 1996, p. 11-12)

Na maioria das vezes em que aparece nos textos jornalísticos ou nas discussões sobre internet, o conceito de virtual é utilizado em oposição ao conceito de real. Em ambos os casos a questão da virtualização aparece num contexto onde o sentido do termo diverge radicalmente da definição de Lévy:

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. (LÉVY, 1996, p.15)

“A comunicação postula teoricamente um único nome para cada sentido e um único sentido para cada nome” (GUIRAUD, 1975, p.34). Segundo Guiraud (1975), existem desvios como é o caso dos sinônimos, dos homônimos e das polissemias. “Cada palavra tem um sentido de base e um sentido contextual” (GUIRAUD, 1975, p.35). Segundo Lévy (1996), a palavra virtualização não tem sua origem na internet, nem tampouco encontra na internet o ambiente adequado para sua consolidação, consagração, existência (ou não existência), não podendo portanto ser definida como oposição ao real.

A virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma “elevação à potência” da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. (LÉVY, 1996, p.17-18)

Ao defender o seu conceito de virtualização, Lévy parece não perceber que “As palavras são criações humanas, e, ao mesmo tempo, como a maior parte das criações do homem, elas têm sua vida própria; nós as criamos e elas se criam” (GUIRAUD, 1975, p.40). Enquanto Lévy afirma que “A virtualização é um dos principais vetores da criação de realidade” (LÉVY, 1996, p. 18), o internauta e o *webdesigner*, e até mesmo o leigo assimilaram outra coisa: virtual é o oposto de real. Na definição de virtual, Lévy parece lutar contra a emancipação do termo, contra o seu uso pelo senso comum, ou seja, “Uma vez criada a palavra, por transferência de sentido ou por qualquer outro modo, seu sentido pode evoluir espontaneamente; de fato, na quase totalidade dos casos, ele evoluiu” (GUIRAUD, 1975, p. 43). Mesmo que o leitor concorde com os argumentos de Lévy, ainda assim a virtualização estará livre da redoma criada em sua volta no momento de sua concepção.

Utilizando as afirmações de Guiraud, pode-se inferir que a palavra virtual possui um sentido de base (força, potência, o oposto de atual), mas não se pode deixar de perceber o seu sentido contextual para o internauta e o *webdesigner*, ou ainda para o leigo, sentido que está mais próximo de real desintegrado, etéreo, desreal, ou o oposto de real. Na visão do próprio Lévy, o conceito de virtual (oposição ao atual) seria uma atualização, da mesma forma como o conceito do senso comum (oposição ao real) seria outra atualização e uma série de outros conceitos poderiam estar ocultos, latentes, enquanto força ou potência.

4 REAPRENDENDO A LER

A tela do computador requer novos hábitos de leitura. Muito mais do que a mudança de plano horizontal para vertical, a tela representa uma nova dinâmica. O computador permitiu o acesso e a possibilidade de interferência do leitor sobre a forma, através da manipulação das fotos, textos, e do próprio lay-out do diagrama, inclusive cores, tipologia e outros elementos típicos e característicos da intencionalidade do autor e do editor. “Para começar, o leitor em tela é mais “ativo” que o leitor em papel: ler em tela é, antes mesmo de interpretar, enviar um comando a um computador para que projete esta ou aquela realização parcial do texto sobre uma pequena superfície luminosa.” (LÉVY, 1996, p. 40). Antes, dialogar com um texto era, no máximo, poluir ou preencher os espaços em branco da diagramação dos impressos sublinhando passagens interessantes ou fazendo anotações conclusivas ou que remetessem ao pensamento do leitor no momento da leitura. “Mas se considerarmos o conjunto de todos os textos (de todas as imagens) que o leitor pode divulgar automaticamente interagindo com um computador a partir de uma matriz digital, penetramos num novo universo de criação e de leitura dos signos” (LÉVY, 1996, p. 41).

Assim, no EAD pela internet ocorre uma modificação nas relações de produção e recepção dos signos da leitura. Limitados recursos de edição que antes só estavam à disposição do autor, amplificam-se, e agora envolvem o leitor ativamente no processo, desde o momento em que ele customiza sua área de trabalho, povoando sua leitura com uma série de signos que não fazem parte do texto original do autor. Tomando por base a definição de Lévy (1996), esta leitura atualizada, já era possível graças à virtualidade do texto, “Pode-se dizer que um ato de leitura é uma atualização das significações de um texto...” (LÉVY, 1996, p. 41), porém o meio digital potencializa a relação “...o suporte digital apresenta uma diferença considerável em relação aos hipertextos anteriores à informática: a pesquisa nos índices, o uso dos instrumentos de orientação, de passagem de um nó a outro, fazem-se nele com grande rapidez, da ordem de segundos.” (LÉVY, 1996, p. 44). Mudar o ambiente de leitura de um livro para o ar livre à sombra de uma figueira também seria atualizar o texto, porém, incomparável a levar um *notebook* conectado à internet para a sombra da mesma figueira. Incomparável não só nas possibilidades de interatividade, mas também nas mudanças de percepção espacial e temporal geradas pelas ferramentas tecnológicas.

Considerando o dito popular “Mais vale o pouco que o aluno aprende do que tudo aquilo que o mestre tenta em vão ensiná-lo”, creditar toda a mudança ao objeto computador seria ignorar os fatos, pois “Teríamos somente uma visão parcial da virtualização contemporânea do texto e da leitura se a focalizássemos unicamente na passagem do papel à tela do computador” (LÉVY, 1996, p. 46). Os textos disponíveis na internet não estão armazenados nos computadores pessoais dos leitores, mas na rede, acessíveis para novas leituras, novas atualizações em qualquer computador conectado possibilitando diálogos, interações com outros textos. “É como se a digitalização estabelecesse uma espécie de imenso plano semântico, acessível em todo lugar, e que todos pudessem ajudar a produzir, a dobrar diversamente, a retomar, a modificar, a dobrar de novo...” (LÉVY, 1996, p. 49). Este imenso plano semântico que não para de crescer, assemelha-se a uma lavoura produtiva, semeada com informações cuja colheita permite novas possibilidades de significações e ressignificações nas interpretações dos interlocutores, e suas contribuições geram novas informações, num crescimento descontrolado e de difícil mensuração.

5 O FIM DO TEATRO?

O século XX, marcado por diversas evoluções nas comunicações de massa com o advento de tecnologias eletrônicas, como observa McLuhan (1964), começa a perceber modificações na produção, na veiculação e nos hábitos de uso de diversos tipos de signos, principalmente os visuais, algo que nunca antes havia sido possível.

De acordo com o que foi proposto por Marshall McLuhan e André Leroi-Gourhan, diz-se às vezes que as ferramentas são continuções ou extensões do corpo. Essa teoria não me parece fazer justiça à especificidade do fenômeno técnico. (...) Mas que uma extensão do corpo, uma ferramenta é uma virtualização da ação. (LÉVY, 1996, p. 75)

Na década de 30 do mesmo século, ao escrever “A Obra de Arte Na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica”, Walter Benjamin (1978) aponta para algumas destas modificações, causadas pelo advento da fotografia e do cinema, modificações que mais tarde foram potencializadas na era virtual. Com a reprodução em série da obra de arte, Benjamin observa a perda da autenticidade, (o momento único de concepção da obra), e a perda da aura, (uma espécie de essência, espírito dotado de elementos espaciais e temporais que carrega o autêntico e a tradição, ou seja, o momento de concepção e a história da obra), duas perdas irremediavelmente substituídas pela noção da manutenção

da originalidade, na reprodução fiel a partir de um molde: a película, ou filme. “No mundo digital, a distinção do original e da cópia há muito perdeu qualquer pertinência. O ciberespaço está misturando as noções de unidade, de identidade e de localização” (LEVY, 1996, p. 48).

A sociedade de consumo, com sua ênfase no ter, em detrimento do ser, ou seja, o indivíduo em sua necessidade de possuir as coisas (aproximando-se de objetos que muitas vezes não compreende, ao invés de contemplá-los) foi o ambiente propício para o estabelecimento das raízes do mercado da comunicação, um dos principais vetores das observações de Benjamin. “É o seguinte o princípio da análise: nunca se consome o objecto em si (no seu valor de uso) – os objectos (no sentido lato) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo, quer filiando-o no próprio grupo tomado como referência quer demarcando-o do respectivo grupo por referência a um grupo de estatuto superior.” (BAUDRILLARD, 1995, p. 60)

Benjamin estabelece um comparativo entre o espetáculo teatral e o espetáculo cinematográfico: por mais ensaiado que for, o espetáculo teatral sempre será um novo espetáculo a cada apresentação, seja na mudança dos interlocutores (novo público requer novos atos); na impossibilidade de repetir um ato que não saiu conforme o esperado ou não ter causado a reação esperada no público (*feed-back*); no improviso do ator no instante que percebe o efeito de seus atos no público; no envolvimento da cena, do palco, das luzes, que no cinema se encerram no limite da objetiva da câmara filmadora. O cinema utiliza-se de recursos tecnológicos como movimentos de câmara, enquadramentos e edições inusitadas, técnicas de iluminação e efeitos especiais para envolver o espectador, pois não consegue preservar o conteúdo ilusionístico da cena da mesma forma como o teatro: basta assistir a um vídeo caseiro (que dispensa tais recursos) para conseguir uma comprovação destes argumentos.

Estabelecer um paralelo entre o comparativo benjaminiano teatro / cinema com um comparativo proposto ensino à distância virtual / ensino presencial, poderia parecer leviano caso fossem desconsideradas algumas das semelhanças: no ensino presencial o ator-professor, com seus atos ensaiados nas metodologias e seus repertórios adquiridos em seu histórico de preparação acadêmica e mercadológica; os alunos-platéia, sempre novos interlocutores, exigindo novos atos pela necessidade de contato com os avanços tecnológicos e científicos, também por terem seus próprios repertórios individuais, e principalmente pelo fato dos repertórios do grupo em questão serem completamente diferentes dos repertórios de outros grupos de alunos; na impossibilidade do ator-professor repetir o ato (caso o *feed-back* não tenha sido o esperado) sem provocar um mínimo abalo da sua credibilidade – restando-lhe o recurso do improviso redundante, ao mesmo tempo necessário (na fixação de novas informações e na construção dos repertórios do grupo), e prejudicial (podendo causar um obstáculo à comunicação à medida que subestima a capacidade intelectual do interlocutor); no envolvimento do indivíduo, com o ator-professor e com o grupo, uma construção coletiva e compartilhada de conhecimento. Tudo isso, no ensino à distância na internet se encerra em periféricos de computador como equipamentos para captação e digitalização de imagens e teclados para captação de textos.

O EAD pela internet utiliza-se de uma série de recursos tecnológicos como envio de mensagens para indivíduos ou grupos, espaços para postagem de arquivos, ferramentas de pesquisa de material disponível na web, espaços para apresentações, testes (*quiz*), hipertextos, hiperlinks e outros recursos que tentam preservar algo como o conteúdo ilusionístico benjaminiano do ensino presencial, a fim de entreter o interlocutor. A simples transferência dos conteúdos numa espécie de manual de instruções com arquivos de resumos (apostilas eletrônicas) dos conteúdos preparados por especialistas não consegue o mesmo efeito.

Como os produtores primários e os requerentes podem entrar diretamente em contato uns com os outros, toda uma classe de profissionais corre doravante o risco de ser vista como intermediários parasitas da informação (jornalistas, editores, professores, médicos, advogados, funcionários médicos) ou da transação (comerciantes, banqueiros, agentes financeiros diversos) e tem seus papéis habitualmente ameaçados. (LEVY, 1996, p. 63)

O cinema não poderia ter tido êxito sendo uma mera substituição do teatro, uma espécie de teatro com exibição seriada. Ele teve de adaptar diversos signos que não tinham necessariamente a ver com a mensagem, mas com o meio, (com o processo de produção e de difusão). Para o êxito, foi necessário o entendimento de que a nova tecnologia exigia uma mudança de sentido de diversos signos. Várias palavras foram emprestadas, porém recontextualizadas de acordo com a exigência de mudanças de atitude. O mesmo ocorre com o EAD pela internet, pois ela empresta inúmeros termos do ensino presencial, e precisa recontextualizá-los muito mais de acordo com atitudes de fruição do aluno, do que de acordo com as mensagens do conteúdo de ensino em si.

Lembrando que o foco do espetáculo teatral e cinematográfico é o entretenimento, que em muito contrasta com o foco do espetáculo educacional e pedagógico, ainda assim, um desafio do EAD pela internet passa a ser alcançar a competência que outrora teve o cinema, na compreensão da necessidade de transição dos termos, substituição de significados e mudanças de sentido no novo contexto, mas se a tarefa fosse simples, talvez nunca teria sido necessária a existência do professor, bastariam livros e manuais de instrução, e o mundo estaria repleto de auto-didatas.

6 UM NOVO PROFESSOR?

Acreditando neste momento desafiador de transição, e na necessidade da busca por uma nova competência, faz-se necessária a distinção de possíveis papéis para o professor.

O professor poderia assumir o papel de especialista em determinado conteúdo, uma espécie de fonte de conhecimento, um produtor de textos a partir dos quais inúmeros outros textos serão produzidos no cruzamentos com outros textos e nas atualizações dos leitores. “O “produtor” habitual (professor, editor, jornalista, produtor de programas de televisão) luta assim para não se ver relegado ao papel de simples fornecedor de matéria-prima.” (LEVY, 1996, p. 64), pois a própria internet é uma fonte de conhecimento muito maior do que qualquer especialista jamais poderia sonhar. O fim dos homens-enciclopédias foi decretado com o início da imprensa, e seguindo o raciocínio, no EAD pela internet o professor seria substituído pelo pesquisador, com uma mudança drástica nas formas de remuneração:

Quanto à exploração econômica dos conteúdos em questão, as maneiras habituais de valorizar a propriedade sobre a informação (compra do suporte físico da informação ou pagamento de direitos autorais clássicos) são cada vez menos adaptadas ao caráter fluido e virtual das mensagens. Abandonar totalmente qualquer pretensão à propriedade sobre os programas e a informação, como certos ativistas da rede propõe, seria arriscar-se a voltar a quem da invenção do direito autoral e da patente, à época em que as idéias suadas dos trabalhadores intelectuais podiam ser bloqueadas por monopólios ou apropriadas sem contrapartida por potências econômicas ou políticas. (LEVY, 1996, p. 64)

Outra possibilidade seria o professor-diretor. Este professor poderia operar de forma semelhante ao diretor de cinema: partindo de um texto inicial do pesquisador (como o diretor de cinema parte do texto do autor da obra literária); com toda a sua sensibilidade artística conhecimento técnico e capacidade de identificar as necessidades do público, o professor-diretor poderia adaptar o texto para o meio digital (ou contrataria alguém para fazer esta adaptação assim como o diretor de cinema contrata roteiristas); confeccionando as aulas com o auxílio de especialistas em produção, como ilustradores, fotógrafos e *webdesigners* (assim como o diretor de cinema contrata atores, produtores, diretores de fotografia, técnicos, cinegrafistas, figurinistas, profissionais de efeitos especiais, etc); decupando e editando o conteúdo (da mesma maneira que o diretor de cinema escolhe as melhores tomadas). As escolas, criteriosamente selecionadas, assumiriam o papel das empresas exibidoras, publicando ou distribuindo o material com acessos controlados e restritos. A única peça faltante seriam as escolas, verdadeiras empresas administradoras, que atuariam como atuam as indústrias cinematográficas, contratando os professores-diretores, enfim, bancando a produção das aulas e lucrando com as exibições. Quanto à remuneração “... a tendência parece antes se orientar no sentido de uma sofisticação do direito autoral. Esse aperfeiçoamento se desenvolve em duas direções: passagem de um direito territorial a um direito de fluxo e passagem do valor de troca ao valor de uso.” (LEVY, 1996, p. 64).

7 AS RELAÇÕES ESPAÇO-TEMPO

“Não há comunicação sem vivência do tempo: do tempo para se falar, para se compreender, para ler um jornal ou um livro, para ver um filme independente das questões de deslocamento. Sempre há uma *duração* em um ato de comunicação.” (WOLTON, 2003, p.103). No EAD pela internet, professor e aluno não precisam mais compartilhar um ambiente físico de aprendizagem (sala de aula). Esta separação espacial, modifica as relações de deslocamento e exigem novas relações de tempo.

Mudanças espaciais e temporais, acontecem tanto na cobertura e nos cruzamentos proporcionados pelo meio digital, quanto no que Lévy (1996) chamou de desterritorialização “Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário” (LEVY, 1996, p. 21). Ao contrário do que poderia parecer, esta desterritorialização Lévy afirma que as novas tecnologias não diminuem a mobilidade, “As pessoas que mais telefonam são também as que mais encontram outras pessoas em carne e osso. (LEVY, 1996, p. 23). Wolton (2003) discorda, afirmando que

O computador, na seqüência da televisão que por sua presença nos lares já reduzia os deslocamentos, acentua pela rapidez esta idéia de uma possível diminuição das exigências do tempo. Comprimindo-o até quase anulá-lo. Certamente navegar na

rede toma tempo, mas existe uma desproporção tamanha entre o volume do que se tem acesso e o tempo decorrido que se entre assim em uma outra escala de tempo. (2003, p. 104)

Insistir na discussão parece não levar a lugar algum. O fato é que a criação de ferramentas como os *Quizes*, e Fóruns, no EAD pela internet não deveria apenas promover a separação espacial dos interlocutores do processo comunicacional, (como numa espécie de substituto à incapacidade de mobilidade por parte dos interlocutores), mas levar em conta novas possibilidades temporais. Não havendo um local físico de encontro, a menos que os objetivos didáticos exijam a interatividade entre os alunos ou entre alunos e professores com ferramentas como *Chats*, não faz muito sentido estabelecer um horário específico para as aulas, mas um prazo para conclusão de tarefas.

Parece realmente difícil prever um futuro para a Educação à Distância pela internet, porém a tecnologia provocou e deve continuar provocando uma série de mudanças na educação, e em possivelmente a sua espetacularização. Fica a sugestão para o desenvolvimento de pesquisas das significações que levam às crenças, ou seja, aos hábitos de ação dos agentes no processo comunicacional no Ensino à Distância pela internet.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica. In: _____. Teoria da cultura de massas. Org. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP; Imprensa Oficial do Estado de S.P., 1999.
- GUIRAUD, Pierre. A semântica. São Paulo: Difel, 1975.
- LÉVY, Pierre. O que é virtual? São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1995 [1964].
- WOLTON, Dominique. Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias. Trad. Isabel Crossetti. Porto Alegre: Sulina, 2003.

Recebido em 07/01/05. Aprovado em 30/03/05.

Title: The Spectacle Of Distance Education

Author: Hans Peder Behling e Dulce Márcia Cruz

Abstract: The present essay presents some elements for a theoretical discussion on some issues relating to distance education (DE) through the Internet. The main goal is to show the ways of the spectacle in teaching through the DE technology through the Internet. Beginning with the presentation of some concepts, the first observation is that the problem now is not about the substitution of the presential teaching, but the transition of the institutionalized formation to a generalized exchange of knowledge. The discussion on virtualization disagrees semantically with Pierre Lévy's view, and makes evident the new possibilities for reading acts and textual production generated by technology: in the same way cinema could not have succeeded if it had depended only on filming fixed scenes, like in the theater, DE through the Internet makes a spectacle out of teaching as it modifies a number of tools that are much different from the mere reproduction of contents in the presential teaching.

Keywords: semantics; distance education; technological innovation; spectacle.

Titre: Le Spectacle de l'Éducation à Distance

Auteur: Hans Peder Behling e Dulce Márcia Cruz

Résumé: Cet article présente quelques éléments pour la discussion théorique sur quelques questions concernant l'éducation à distance par l'internet. L'objectif principal est celui de démontrer les voies de spectacularisation de l'enseignement à travers la technologie de l'EAD par l'internet. Donnant tout d'abord une conceptualisation, la première constatation concernant le remplacement de l'enseignement présentiel, mais le passage de la formation institutionnalisée vers une échange généralisée de savoirs. La discussion sur la virtualisation est en désaccord sémantiquement avec la vision de Pierre Lévy et met en évidence les nouvelles possibilités d'actes de lecture et de la production textuelle produits par la technologie: ainsi, comme le cinéma n'aurait pas pu faire du succès s'il n'agissait pas d'un filmage théâtral, l'EAD par l'internet spectacularise l'enseignement modifiant plusieurs ressources très différentes d'une simple reproduction des contenus de l'enseignement présentiel.

Mots-clés: sémantique; éducation à distance; innovation technologique; spectacle

Título: El espectáculo de la educación a distancia

Autor: Hans Peder Behling e Dulce Márcia Cruz

Resumen: el artículo presenta elementos para la discusión teórica sobre algunas cuestiones en la educación a distancia (ead) por internet. el objetivo fundamental es demostrar las vías de espectacularización de la enseñanza a través de tecnología del ead por internet. tras una concepción, se constata que la cuestión actual ya no es el reemplazo de la enseñanza presencial, sino el paso de la formación institucionalizada a un cambio generalizado de sapiencias. la discusión sobre la virtualización difiere semánticamente de la visión de pierre lévy y evidencia las nuevas posibilidades de actos de lectura y de producción textual producidas por tecnología: así como el cinema no hubiera tenido éxito de ser únicamente por una filmación de escenas de teatro, el ead por internet aporta espectacularidad a la enseñanza, modificando diversos recursos que se distinguen de una mera reproducción de los contenidos de la enseñanza presencial.

Palabras-clave: semántica; educación a distancia; innovación; innovación tecnológica; espectáculo.

* Este artigo apresenta elementos teóricos apresentados em dois seminários na disciplina de Semântica Geral no Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina no segundo semestre de 2004, e outros elementos teóricos desenvolvidos posteriormente.

** Mestrando em Ciências da Linguagem na Universidade do Sul de Santa Catarina.

*** Professora do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. Doutora em Engenharia de Produção.

